

INTERNACIONALIZAÇÃO DA AGENDA DA EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Para onde nos leva a política do Banco Mundial?¹

Examinamos as “Estratégias setoriais do ano 2000” do **Banco Mundial**. Esse documento trabalha com a visão de “governo” (aparatos administrativos) e não com a noção de “Estado”. A dimensão simbólica do Estado e a noção de cidadania não estão presentes neste documento do Banco Mundial. O Estado não apenas financia, mas constrói sentido (direitos, cidadania...). O Banco trabalha com a noção de **cidadão** como sendo um cliente, um consumidor, com a noção de “liberdade de escolha”. O cidadão precisa apenas ser bem informado para “escolher”. Por isso ele precisa saber do “ranking” das principais escolas, as “melhores”. Esse cidadão não precisa ser emancipado. Precisa apenas saber escolher.

Os governos devem ser equitativos nos gastos, segundo esse documento, privilegiando os pobres, delegando funções aos pais. Os ricos devem pagar pelo ensino. Filantropia para os pobres e Mercado para os ricos. De um lado os tutelados, os necessitados e, de outro, os globalizados. Para o Banco, o Estado deve abandonar a idéia de **igualdade** (socialização) para assumir a **equidade** (atenção para com as diferenças). Considera a educação como um serviço e não como um direito. O argumento do Banco é o de a universidade pública foi criada para os pobres, mas eles não chegam a ela. A gratuidade indiscriminada é injusta.

A referência da educação para o Banco é o Mercado, não a cidadania. Seus projetos estão muito mais voltados para a compra de **equipamentos**. Não são projetos educativos em seu sentido estrito.

O Banco Mundial é **instrucionista**. Sabe tudo de instrução e nada de aprendizagem. Por isso ele defende o aumento de tempo para instrução.

Desvirtuamento das palavras (tese do Romão). O discurso neoliberal se utiliza dos termos “autonomia”, “cidadania”, “participação”, “gestão comunitária”, “bolsa-escola”... disputando o sentido e a direção dessas palavras, bandeiras, programas, ressignificando-as de acordo com a sua ideologia. Chegou a adotar experiências das zonas liberadas pelo movimento revolucionário de El Salvador “adequando-as” à sua ideologia.

O discurso da **qualidade** do Banco não nos ajuda a compreender a realidade. No documento, diz-se que a quantidade não é mais problema para o ensino fundamental. Agora o problema é a qualidade. Todavia não existem indicadores de qualidade. Só se trabalha com quantidade, com números. Há pouca preocupação: a) com a aprendizagem; b) com a qualidade em si. E mais: os **professores** estão excluídos de toda discussão do tema da qualidade. Eles não tem voz. O que se busca é uma estandarização (fordismo) da qualidade, da avaliação, da aprendizagem. Criação de parâmetros para tudo. Neste sentido, o Banco Mundial está usando uma superada visão fordista, quando já estamos em outra era (toyotismo, era da informação...).

“**Educação bancária**”. Nada mais atual do que esse pensamento de Paulo Freire, aplicado ao Banco Mundial. O BM apela para o indivíduo docente, e não para o coletivo de docentes (sindicatos) e nem mesmo para o colegiado da escola. Docente para o Banco é um problema (O Banco costuma debitar a “baixa qualidade” da

¹ Notas do Seminário de Trabalho organizado pelo Grupo de Trabalho “Educação e Sociedade” do CLACSO (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais) em parceria com o Instituto Paulo Freire e a FLACSO (Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais). Buenos Aires, de 27 a 28 de outubro de 2000. Moacir Gadotti, Faculdade de Educação da Universidade de São e Instituto Paulo Freire.

educação ao alto nível de politização dos professores). Diante disto existe uma desprofissionalização da docência (na Inglaterra, diante da falta de docentes, está se “terceirizando” a profissão, contratando docentes através de concorrência pública, como trabalho temporário), contratação de docentes não formados para “formá-los” em serviço, rapidamente. Para o Banco os docentes não tem conhecimento científico. Seu saber é inútil. Por isso, não precisam ser consultados. Eles só precisam receber receitas, claro, do Banco Mundial, que hoje se auto-intitula “BanKnowledge” (Banco do Conhecimento). Ele quer se distinguir dos outros bancos “convencionais”.

Ensina-se muito e aprende-se pouco. Para o Banco, **aprender** é “aceder”, ter acesso a computadores, a uma informação. Aprender é identificar informações e saber utilizá-las em algum momento; **ensinar** para se aplicar, para manejar um repertório de técnicas.

Na educação bancária o **docente** é um aplicador de um texto: “Hoje vamos estudar da página 13 à página 18”. Nada mais. Por isso, os textos didáticos devem ser “explícitos”, pensados, criticados e revistos de acordo com os parâmetros do Banco. O docente “passa” de uma página para outra, e avança, conforme a aplicação das páginas do texto. Qualquer pessoa pode “passar” de uma página para outra. Não precisa tanto tempo para se formar. Na verdade, nem precisa ser “professor”. Precisa ser apenas um técnico. Como o Banco já sabe o que é conhecimento, o Banco vai dizer ao “professor” o que ele deve ensinar. Neste caso até um computador bem programado poderia fazer o que o “professor” deve fazer. Não precisa de professor. Precisa de bons textos didáticos e de computadores.

Nessa linha de raciocínio, podemos concluir que para as elites, haverá necessidade de professores, para formar governantes. Já, para as classes populares que freqüentam a escola pública, que precisam apenas “ser informados”, os professores serão cada vez menos necessários. Eles podem ser substituídos, plenamente e com vantagens, por computadores. O Banco é contra a autonomia das escolas públicas, mas não contra a autonomia das escolas privadas. Porque o professor autônomo da escola pública forma para valores cívicos. Não é apenas um cumpridor de ordens. Para o Banco o professor da escola pública deve ser apenas um repassador de informações.

Sistema de ensino. O sistema de ensino deve propor pacotes de ensino para serem “aplicados”, para as pessoas aprenderem a resolver seu problemas. O Banco propõe para isso certas **reformas**. As reformas propostas pelo BM são: a) de cima para baixo; b) de fora para dentro. O BM está trabalhando com a sociedade civil. Em inglês não existe a palavra “pedagogia” que é traduzida por “Education” ou “Teaching”, com sentido completamente diferente. Pedagogia não existe como área de trabalho. Aparece a palavra “Learning”. De um lado aparecem todas as novas pesquisas do campo da biologia mostrando como se opera no cérebro a aprendizagem e, de outro, aparece a total ignorância dos “tomadores de decisões” que dão receitas para os “males da educação”. Aspirinas para as febres educativas. O Banco tem um “catálogo” de cursos e os secretários de educações, os governos, folheiam esse catálogo e vão escolhendo seu produtor de acordo com as necessidades.

Como o Banco quer tudo privatizar, para ele a **reforma do Estado** visa à diminuir os gastos com educação para que a Sociedade (Mercado) assuma esse serviço. O objetivo do Banco é a política, interferir na política dos países membros. Por isso o Banco está hoje menos interessado em **emprestar dinheiro** do que em **vender idéias** (pacotes) e políticas.

Projeto do Banco: controle total da cultura (a cultura se mercantilizou e se digitalizou como a economia). Ele reduz a educação ao acesso à informação, sem a interferência do professor, transformando a relação entre economia e educação. A

política é cada vez mais **local** e a economia é cada vez mais **global**. Isso está causando enorme ingovernabilidade

Podia ser pior? Podia. Alguns educadores conhecidos, como Xavier Gorostiaga, defendem o debate com o Banco Mundial, porque poderia ser ainda pior. Alguma relação com os estados o Banco ainda mantém (embora acentue apenas o seu caráter gerencial) pois é um banco “intergovernamental”. A tendência das universidades corporativas, das indústrias do conhecimento é ainda mais perversa: as empresas passariam não só a comprar e vender conhecimento em suas indústrias, não só criariam suas próprias universidades (McDonalds, IBM, Motorola...), como também buscariam no mercado os “melhores” profissionais para gerenciar setores importantes do Estado ou o mesmo o próprio Estado (não haveria mais necessidade de consulta popular, mas escolha através de testes e concorrências “públicas”). Teríamos apenas governantes profissionais.

Existem hoje forças sociais ainda mais “privatisantes” do que o Banco Mundial, como a OMC (Organização Mundial do Comércio), forças que defendem a total extinção dos “organismos intergovernamentais” como o Banco Mundial, a UNESCO, o UNICEF e a ONU, para substituir esses organismos por representantes das próprias corporações para chegar até a governos corporativos, escolhidos por corporações, através de um “acordo entre acionistas”. Seria o fim do Estado. Há coisas piores do que o Banco Mundial sendo pensada por aí!!! Trata-se de um novo “Império”, o Império do Mercado.

Por isso, alguns defendem uma **leitura mais dialética** deste contexto. Há mercados e mercados, dizem. Pode-se falar de um “mercado solidário” (Paul Singer). Não aceitar a visão única, maniqueísta de mercado. O pensamento neoliberal não está lá fora. Está também dentro de nós. O pensamento neoliberal não é apenas um pensamento dos Bancos e das agências intergovernamentais.

Alternativas: defender o caráter público da educação, fortalecer os Estados locais e a autonomia em rede (autonomia solidária, coletiva). Governar não é só administrar. É possibilitar uma redistribuição da riqueza. A alternativa não pode ser só setorial. A educação não pode ser o primeiro passo do desenvolvimento, não vem antes nem depois, vem junto. A **autonomia em rede** favorece a cidadania para resolver o dilema entre a **necessidade** de cada um e a **liberdade** de todos. Mostrar que **não estamos em crise**.

Mostrar exemplos exitosos (“Projeto da Escola Cidadã”, por exemplo). As pessoas estão ávidas hoje de exemplos concretos, bem sucedidos, em todas as áreas. Querem saber o que está dando certo. A imagem da crise na educação é retórica e conservadora. Interessa mais aos setores privatistas (que lutam contra a escola pública), aos conservadores que desejam desprestigiar a área. Cada vez que há crise da sociedade se diz que há crise na educação como se a educação fosse a solução de todas as crises.

Para poder resistir **é preciso estar bem informado**. Não fazer críticas puramente ideológicas, sem dados, sem argumentação, sem propostas. O futuro está em jogo. Devemos **contra-informar**, atacando com nossas próprias armas, afirmando nossas teses. Por isso precisamos aprofundar cada vez mais a análise da conjuntura atual, dos interesses em jogo, das alternativas concretas. O estudo, a pesquisa, o debate, a organização são mais do que nunca necessários nesta tarefa comum de construção da cidadania plena, terrena, planetária capaz de controlar não só o Estado mas também o Mercado.